FURTH, Hans G. Piaget na sala de aula. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972.

GALVÃO, Izabel. A Questão do Movimento no cotidiano de uma pré-escola. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.98, p. 37 -49, ago.1996.

HAMZE, Amélia. As legislações do Ensino Fundamental de Nove Anos. <Disponível em: http://educador.brasilescola.com/politica-educacional/ensinofundamental-de-nove-anos.htm.. Acesso em 07/05/2014.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (ORG). Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. São Paulo, Cortez: 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. São Paulo, Pioneira, 1994.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (ORG). Bruner e a Brincadeira. In: O Brincar e suas Teorias. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2002.

MINAYO, MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.

PIAGET, Jean. O raciocínio da criança. 2. ed., Rio de Janeiro, Real, 1967.

TERENCE, Ana Cláudia Fernandes; ESCRIVÃO, Edmundo Filho. Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais. XXVI ENEGEP - Fortaleza, CE, Brasil, 9 a 11 de Outubro de 2006. <Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2006_TR540368_8017.pdf>. Acesso em: 07/05/2021.

TIZUKO Morchida (org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo, Cortez, 1996, 183 p.

VYGOTSKY, L.S. Formação Social da Mente. São Paulo, Martins Fontes

UM ESTUDO ACERCA DA PRÁTICA DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

BERENICE BUENO DE ASSUMPÇÃO

RESUMO

Contar e ler histórias não é apenas uma brincadeira, mas também incentiva as crianças em muitos níveis diferentes. É por isso que nunca é cedo demais para começar a contar histórias e ler em voz alta. Assim que as crianças falam as primeiras palavras, elas começam a tatear o caminho para a "linguagem". Este desenvolvimento é reforçado pela leitura em voz alta, o que permite que elas lidem com padrões de frases mais exigentes. Ao contar e ler histórias, os pais podem lentamente introduzir seus filhos ao meio do texto, criando condições favoráveis para um maior engajamento pedagógico das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias. Arte. Leitura. Infantil

SUMMARY

Telling and reading stories is not just a game, but it also encourages children on many different levels. That's why it's never too early to start telling stories and reading aloud. As soon as children

speak their first words, they begin to grope their way to "language." This development is reinforced by reading aloud, which allows them to deal with more demanding sentence patterns. By telling and reading stories, parents can slowly introduce their children to the middle of the text, creating favorable conditions for a greater pedagogical engagement of children.

KEYWORDS: Stories. Art. Reading. Children

1 INTRODUÇÃO

A aquisição da linguagem é provavelmente a maior conquista cognitiva que os humanos alcançam durante todo o seu desenvolvimento. Quando o bebê chora, a respiração e a vocalização são treinadas, e uma importância relacionada à situação na articulação pode ser reconhecida em muito pouco tempo. Já ao balbuciar, as vogais e depois as consoantes podem ser distinguidas (BEDRAN 2013).

A criança produz significativamente mais sons do que necessita para a composição fonética da respectiva língua materna. Quanto mais a criança imita seu ambiente sonoro, mais o alcance dos fonemas sonoros "ativos" é reduzido. A criança separa o que não precisa para sua língua materna.

No momento em que começa a escola, a criança geralmente alcançou as principais habilidades linguísticas: por exemplo, pronúncia correta, designações apropriadas, gramática, formas básicas de conversação, linguagem e estrutura de frases, etc. O presente artigo tem como objetivo principal analisar os benefícios da arte de contar história, estimulando crianças e professores no processo de aprendizagem, de modo que todos se beneficiem dessa prática.

2 METODOLOGIA

No presente estudo, utilizaremos artigos e materiais de referência em um contexto bibliográfico, segundo Gil (2002, p.44), "[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". A pesquisa foi desenvolvida em uma linha de pesquisa qualitativa, contribuindo para o desenvolvimento de pesquisas atuais e futuras sobre a temática em questão, discutindo os problemas e explorando materiais de referência, e fontes bibliográficas, segundo Gil (2008, p. 50):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. (GIL, 2008. p.50)

Embora estudos quantitativos anteriores forneçam informações importantes sobre a Arte de contar histórias, análises qualitativas possibilitariam um estudo mais aprofundado do assunto. De fato, pelo menos alguns autores de estudos quantitativos recentes também veem a necessidade de análises qualitativas adi-

cionais.

A pesquisa representa um estudo bibliográfico, pois está ancorado em levantamentos científicos acerca do tema proposto já concretizados, referenciando com o que nos informa Gil (2002), ao mencionar que a pesquisa bibliográfica é implementada partindo de materiais já concretizados e publicados, que nos oferecem uma melhor compreensão da problemática que está sendo analisada, e estes se encontram registrados através de livros, revistas, artigos, entre outros recursos, preparados para contribuir com o conhecimento científico.

Destacamos que o pesquisador precisa lançar mão de vários materiais, com a finalidade de transmitir em sua pesquisa um conteúdo confiável e que esteja baseado em autores com credibilidade na comunidade científica, ou seja, com produções de qualidade comprovada e que contribuam com futuras pesquisas de cunho acadêmico. De acordo com Gil (2002, p. 60):

"a pesquisa bibliográfica requer habilidade do pesquisador, pois exige profundidade nas leituras para desenvolver a discussão com os teóricos que sustentaram o estudo, e, uma capacidade de compreensão que possibilite uma reflexão com base na discussão travada durante a pesquisa". (GIL, 2002. p.60)

Para que possamos concretizar o estudo, lançamos mão de procedimentos metodológicos baseados em materiais já publicados, tais como revista, e artigos, ou seja, conteúdos que instrumentalizassem uma construção de conhecimento que provocasse um verdadeiro debate entre vozes em torno do conteúdo, considerando as concepções dos estudiosos e pesquisadores selecionados para discussão (BEDRAN 2013).

Dessa maneira, os diálogos constituídos entre os estudiosos e os pesquisadores deste trabalho, permitisse, no final do estudo, a realização de uma reflexão que apresentasse uma compreensão da temática capaz de responder aos questionamentos da pesquisa e de contribuir para futuras análises.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Quando queremos saber algo sobre uma pessoa, perguntamos: "Qual é a história dele? – sua história real, mais íntima?" – porque cada um de nós é uma biografia, uma história. Cada um de nós é uma narrativa única que está continuamente sendo montada, inconscientemente por, com e dentro de nós através de nossas percepções, nossos sentimentos, pensamentos, ações; e, por último, mas não menos importante, nosso discurso, nossas narrativas faladas. Biologicamente, não somos tão diferentes uns dos outros; historicamente, como narrativa, cada um de nós é único".

Uma história vividamente contada atrai a atenção e a concentração de outras pessoas mais facilmente do que uma apresentação lógica e factual dos fatos. É por isso que a narrativa tem sido usada há milhares de anos para transmitir conhecimentos complexos em culturas. A história pode ser baseada em fatos reais, fictícios ou combinar fatos reais e elementos ficcionais. A contação de histórias gera memórias e promove a aprendizagem.

Semelhante à construção da memória no cérebro, o storytelling funciona com associações. Os subtextos são criados por meio de dramaturgia e elementos narrativos que permitem que longos períodos de tempo sejam lembrados (CHAVES 2010).

Figura 1 – Professora contando histórias infantis aos alunos



Fonte: Casa de notícias

Contar histórias cumpre muitas tarefas: transmitir experiências de vida, transmitir conhecimento, transmitir informações factuais, apontar soluções para problemas, iniciar processos de pensamento, definir expectativas de papéis, estimular mudanças comportamentais, expandir o repertório de comportamentos, transmitir entretenimento, normas e valores, promover a percepção, motivando a ação, criando esperança e dando significado. O próprio entusiasmo por contar histórias e a capacidade de contar uma história de maneira estruturada e emocionante são os fundamentos da narrativa (BEDRAN 2013).

"Era uma vez..." - que não conhece a clássica introdução a um conto de fadas desde a infância. Seja uma história lida em voz alta ou um conto de fadas contado livremente, quem não gostou de passar tempo com seus pais ou avós, viveu os altos e baixos dos heróis, sentiu medo de dragões ou alegria pela vitória do príncipe. Hoje não é diferente do que costumava ser. Ainda mais importante hoje do que há alguns anos para compensar a oferta excessiva de imagens da televisão, publicidade, revistas e jogos de computador para crianças. A tradição dos contos de fadas e da contação de histórias é antiga, os contos de fadas clássicos foram passados para a geração mais jovem, juntamente com valores e compreensão social.

Os clássicos podem ser divididos em contos de fadas folclóricos e artísticos. Existe agora uma ampla seleção, desde contos de fadas clássicos até histórias recém-escritas para todas as faixas etárias, divididas em uma ampla variedade de áreas temáticas, há algo adequado para todos.

Surpreendentemente, uma nova profissão surgiu nos últimos anos, a de contar histórias ou contar contos de fadas. Isso não ocorre apenas porque os pais querem manter seus filhos entretidos por um tempo, mas também porque muitos pais não conseguem mais contar boas histórias. Eles não sabem ler ou contar uma história para crianças. Não importa se é uma história fictícia, um conto de fadas clássico ou um livro lido em voz alta, com pouco esforço, os próprios pais podem fazer os olhos das crianças brilharem tão bem quanto qualquer contador de histórias profissional. Os personagens ganham vida própria quando seu caráter é expresso vocalmente. Um elfo ou fada terno tem uma bela voz, o cavaleiro orgulhoso tem uma voz grave, um anão mal-humorado tem uma rabugenta, o príncipe que seduz uma princesa tem uma voz lisonjeira.

As pausas são importantes em certos pontos. Eles amarram a criança ao que está acontecendo, e a próxima ação é aguardada com curiosidade. As pausas podem ser longas quando o próprio texto está prestes a atingir o clímax, ou um pouco mais após um evento emocionante, para dar à criança a oportunidade e o tempo de captar o que acabou de ouvir e compreendê-lo em imagens mentais: ("Ele correu, fechou a pipa, pulou... (pausa curta)... e caiu de cabeça com um barulho alto!"... (pausa mais longa)

Para manter o suspense, frases individuais ou mesmo passagens curtas podem ser lidas/narradas mais rápido ou mais devagar dependendo do conteúdo: A heroína corre (rapidamente) por uma longa escada em espiral ou alguém se esgueira (lentamente) pelo corredor de um caverna misteriosa (COENTRO 2008).

De acordo com o conteúdo, as passagens do texto também podem ser lidas em voz alta e silenciosa. Uma história com volume constante parece chata a longo prazo, mas quando uma cena noturna é lida silenciosamente, ou um ladrador anuncia seus produtos em voz alta, isso aumenta a experiência – e o fator diversão (CHAVES 2010).

Pequenas ações descritas na história como suspirar, bocejar, prender a respiração ou "exalar aliviada" podem ser incorporadas pelo próprio narrador ou leitor, tornando a experiência da criança mais clara se não for dito apenas que o herói está cansado boceja, mas ouve o próprio bocejo. Balançar a cabeça, arregalar os olhos, franzir a testa ou rir também pode ser facilmente entrelaçado.

O contato visual e visual com a criança de tempos em tempos garante compreensão e experiência, garante atenção mútua e, se uma palavra ou um evento não for entendido pela criança, possibilita uma breve interrupção para uma explicação. Em seguida, a última frase deve ser repetida para voltar à ação.

Basicamente, todas as histórias devem ser lidas antes de serem passadas. Se o curso da ação é conhecido, é ainda mais fácil aumentar a tensão, deixar que passagens engraçadas tenham efeito ou sublinhar certos eventos. Com o conhecimento prévio do texto, também é possível formular descrições muito pesadas de forma diferente ou expressar um processo com suas próprias palavras. O leitor não fica desagradavelmente surpreso com o texto durante a leitura e não passa pelo constrangimento de ter que interromper uma história.

Contar uma história envolve sempre uma interação entre o narrador e o ouvinte. Quanto mais criatividade o narrador traz para a mesa, quanto mais viva e colorida a forma de narrar, mais fascinado se segue o que é apresentado, o que é ouvido ganha mais vida própria e muitas vezes se torna uma experiência duradoura.

Como adulto, deixar a criança interior falar novamente permite a imersão com a criança em um mundo de fantasia compartilhado - e quem gosta de libertar dragões, elfos e tesouros sozinho?

Inventar histórias, contar histórias, ouvir histórias infantis é parte integrante de nossa prática como educadores. Em conversas com crianças do jardim de infância, elas se lembram de contar e in-

ventar histórias mesmo depois de muitos anos.

Contar histórias é um dos métodos mais elementares de trabalho do jardim de infância, assim como a pintura. Escrever, como contar histórias, permite que nós, humanos, expressemos, reflitamos e compartilhemos nossos pensamentos com os outros. No entanto, a palavra escrita e falada também permite ganhar distância, objetivar as coisas e observá-las à distância (COENTRO 2008).

Histórias chamam por ouvintes. Os adultos dão como certo que as crianças ouvem. É "boas maneiras" as crianças ouvirem quando os adultos estão falando com elas. Essa é a crença comum em nossa sociedade.

É bem diferente quando exigimos que os adultos escutem as crianças! As explicações neste livro começam com a escuta dos adultos. Assim, os papéis são invertidos. Os atores são as crianças. Educadores, pais e outros adultos preparam o ambiente para que as crianças possam contar histórias (COENTRO 2008).

As crianças têm muito a nos dizer nas conversas cotidianas. Através de suas declarações verbais, eles nos dão uma visão de seus pensamentos, seus sentimentos, seus problemas, seus desejos, seus medos, suas experiências. Para os adultos é importante ouvir com atenção, porque só assim se consegue adivinhar ou mesmo compreender os sinais.

No jardim de infância, os problemas são frequentemente abordados nas chamadas conferências infantis e discutidos em (pequenos) grupos. No entanto, isso não necessariamente leva as crianças a realmente se abrirem. Eles muitas vezes se sentem relutantes em falar sobre seus sentimentos tão diretamente na frente do grupo. É por isso que devem ser usados métodos que construam pontes para as crianças. Fantoches de mão, por exemplo, são uma boa ideia - as crianças entram no personagem, mas podem iniciar um diálogo ao mesmo tempo. Contar histórias e contar histórias é outra opção, ou dramatização.

Nas explicações, nos preocupamos principalmente com as histórias das crianças, que nos dão uma visão de suas vidas. Para nos conceder isso, eles exigem que sejamos ouvintes sensíveis. Não é incomum que os adultos se assustem com o conteúdo com que as crianças nos confrontam, e não é incomum que isso nos leve ao limite de nossas possibilidades pedagógicas.

As histórias das crianças podem nos dar muitos impulsos para o trabalho em creches para discussões com os pais, mas também apontam, por exemplo, a necessidade de considerar a cooperação com um centro de aconselhamento - claro que sempre de acordo com os pais.

4 CONCLUSÃO

Além de promover habilidades e fortalecer qualidades importantes, ler em voz alta é, obviamente importante para as próprias crianças, que aproveitam os momentos de tranquilidade com a mãe, o pai ou os avós. Hoje em dia, a vida quotidiana é muitas vezes muito cansativa, mesmo para os pequenos. As exigências que lhes são colocadas e também as ofertas que experimentam muitas vezes sobrecarre-